

Sant'Anna Gomes (1834-1908)

O filho da lavadeira

Recitativo

Dedicatória: Ao meu amigo Dr. F. Quirino dos Santos

Texto: Quirino dos Santos

Editoração: Thiago Rocha

Instituição: Biblioteca Nacional da Espanha

Coletânea: Coleção de modinhas brasileiras
(Pierre Laforge, 1842)

voz, piano
(*voice, piano*)

5 p.



MUSICA BRASILIS

O filho da lavandeira

Recitativo

Poesia de
Quirino dos Santos

Sant'Anna Gomes

Introdução

Canto

Piano

p espressivo

The introduction consists of four measures. The vocal line is a whole rest in each measure. The piano accompaniment is in 6/8 time, starting with a piano (*p*) and expressive (*espressivo*) dynamic. The right hand plays a melodic line with slurs, and the left hand plays a bass line with chords and single notes.

Recitativo

5

Um di - a nas

The recitativo section begins at measure 5. The vocal line has a whole rest for the first four measures, followed by a quarter note G4 and a quarter note A4. The piano accompaniment continues with the same melodic and bass lines as the introduction.

10

mar - gens do cla - ro_a - ti - ba - ia Es - ta va a_cap ti - va so - si - nha_a la - var; E_um tris - te fi -

p espress.

una corda

The recitativo section continues from measure 10. The vocal line has a whole rest for the first measure, followed by a quarter note G4, a quarter note A4, a quarter note B4, a quarter note C5, a quarter note B4, a quarter note A4, a quarter note G4, and a quarter note F4. The piano accompaniment continues with the same melodic and bass lines as the introduction. The dynamic is *p espress.* and the instruction *una corda* is present.

14

lhi - nho, do ri - o na pra - ia Ja - zi - a es - ten - di - do no chão a ro - lar. A po - bre cre -

18

rall.

1. *a tempo* 2.

an - ça que o ven - to a çoi - ta - va De fri - o e de fo - me cho - ra - va e cho - ra - va. Um di - a nas ra - va. Meu fi - lho que -

23

ri - do, no mei - o dos ma - res. Lá on - de go - ver - na so - men - te o meu Deus, Lá on - de se es -

27

ten - dem mais lin - dos pal - mares Por - que não nas - ces - tes cer - ca - do dos meus? E a po - bre cre -

31 *rall.* 1, 2, 3, 4, 5. *a tempo* 6.

an-ça no sei-o da es - cra-va, Fi-tan-do a tris - ti-nha, cho-ra-va e cho - ra-va Meus pais lá fi- ra-va As-sim so - lu-

36

- çou; e no se - d estrei - tan - do O ca - ro fi - lhi - nho, nas a - guas ca - hui; De - pois, mui - to

40

tem - po de le - ve boi - an - do Su - mi - ram - se os cor - pos nas vol - tas do rio. De - bal - de pro -

44 *rall.*

cu - ram, pro - cu - ram a es - cra - va, Se a po - bre cre - an - ça nem mais lá cho - ra - va.

Fine

O filho da lavandeira

I

Um dia, nas margens do claro Atibaia
Estava a captiva sosinha a lavar;
E um triste filhinho, do rio na praia,
Jazia estendido no chão a rolar.
A pobre creança que o vento açoitava
De frio e de fome chorava e chorava.

II

A misera negra co'o rosto banhado
No pranto que d'alma trazia-lhe a dor,
Prendeu-a com força no seio abraçado
De magoas, de angustia, de susto e de amor.
Pendendo a cabeça no collo da escrava
A pobre creança chorava e chorava.

III

Meu filho querido, no meio dos mares.
Lá onde governa somente o meu Deus,
Lá onde se estendem mais lindos palmares
Porque não nascestes cercado dos meus?
E a pobre creança no seio da escrava,
Fitando-a tristinha, chorava e chorava.

IV

Meus pais lá ficaram: são livros cantando
Que vida contentes que passam por lá!
E tu meu filhinho, commigo penando,
Esperas a morte nas terras de cá.
Os ventos cresciam: o sol declinava,
E a pobre creança chorava e chorava.

V

Ai não! Que dos pretos as almas não morrem
Havemos de ainda p'ra os nossos voltar.
As águas tão mansas dos rios que correm.
Nos levam bem vivos ao largo do mar.
Nas águas já meio seu corpo nadava,
E a pobre creança chorava e chorava.

VI

As aves, os bosques, as serras que vemos
Não são como aquellas de onde eu nasci!
Tão doces folgares risonhos quaes temos,
Tão bellos, tão puros não há por aqui
Os fundos gemidos o echo levava,
E a pobre creança chorava e chorava

VII

Oh! Vamos, meu filho ao solo jucundo
Aonde a existencia nos corre gentil;
Enquanto captivos houver n'este mundo
Os negros não devem viver no Brazil!
A casa era perto; chamavam a escrava;
E a pobre creança chorava e chorava

VIII

Assim soluçou; e no seio estreitando
O caro filhinho, nas aguas cahiu;
Depois, muito tempo de leve boiando
Sumiram-se os corpos nas voltas do rio.
Debalde procuram, procuram a escrava,
Se a pobre creança nem mais lá chorava.